



PLANTAS DO CERRADO

COLEÇÃO CONVERSAS GERAIS
PLANTAS DO CERRADO



INSTITUTO
INHOTIM
COLEÇÃO
CONVERSAS
GERAIS

PLANTAS DO CERRADO



Ilustrações
ARIELLE MARTINS

A stylized, colorful illustration of a Cerrado landscape. The background features wavy bands of yellow, blue, orange, and green, representing hills and sky. In the foreground, a brown bird with a white face and a small crest stands on a green patch. To its right, there are several brown, leafless trees. The overall style is graphic and artistic, using thick lines and a limited color palette.

DE PERTO,

O CERRADO

Caminhando pelas **PLANÍCIES**, no sobe e desce de montanhas que apontam lá longe no horizonte, começamos a conhecer o Cerrado, perto, perto, perto... cada vez mais de perto.

Se olhamos ao redor, vemos algumas árvores espalhadas em vastos campos, de perder de vista. Os troncos, muitas vezes tortos, com grossas cascas, fincados no capim baixo... É ali mesmo que está o Cerrado! Escondendo toda a sua riqueza em suas raízes, em seus espinhos, nos povos que habitam sua terra desde o princípio dos tempos.

Para que possamos enxergar as belezas desse bioma tão especial, temos que aguçar os sentidos, afinar o olfato e cultivar "olhos de ver". Pois o Cerrado está aí para nos ensinar que nem tudo é o que aparenta ser, nem só o verdejante é vida, e o que parece seco pode renascer em cores quando menos se espera!

Planícies: grande porção de terreno plano. Elas são constituídas pelo afastamento de sedimentos arrastados pela água ou vento. Na maioria das vezes, estão localizadas em áreas de baixa altitude.

CERRADO, A SAVANA BRASILEIRA

Também conhecido como “savana brasileira”, o Cerrado é um dos **BIOMAS** com maior biodiversidade do mundo! São mais de 12 mil espécies de plantas, e um terço delas é encontrado apenas aqui. E esse número não para de crescer! A cada ano, novas espécies de vegetais são descobertas. Entre os biólogos, costuma-se dizer que o Cerrado é um bioma com muitas **espécies endêmicas**, ou seja, que ele é povoado por certos animais e plantas que não existem naturalmente em nenhum outro lugar. Não é à toa que esse bioma brasileiro é considerado uma “zona quente” ou um *hotspot* da biodiversidade no planeta, ou seja, uma região que abriga uma grande quantidade de vida vegetal endêmica, cuja preservação está gravemente comprometida. Vale lembrar que, por causa de suas características únicas, os *hotspots* abrigam também uma grande diversidade de animais. No Cerrado, por exemplo, há cerca de 800 espécies de abelhas num universo de 90 mil espécies de insetos! No Brasil, podem ser encontrados dois *hotspots*: o Cerrado e a Mata Atlântica.

Biomass: conjunto de vida vegetal e animal com condições de geologia e clima bem semelhantes e que, com o passar do tempo, sofreram os mesmos processos de formação da paisagem. Um lugar único, com flora e fauna próprias!



PEQUI,



BABAÇU,

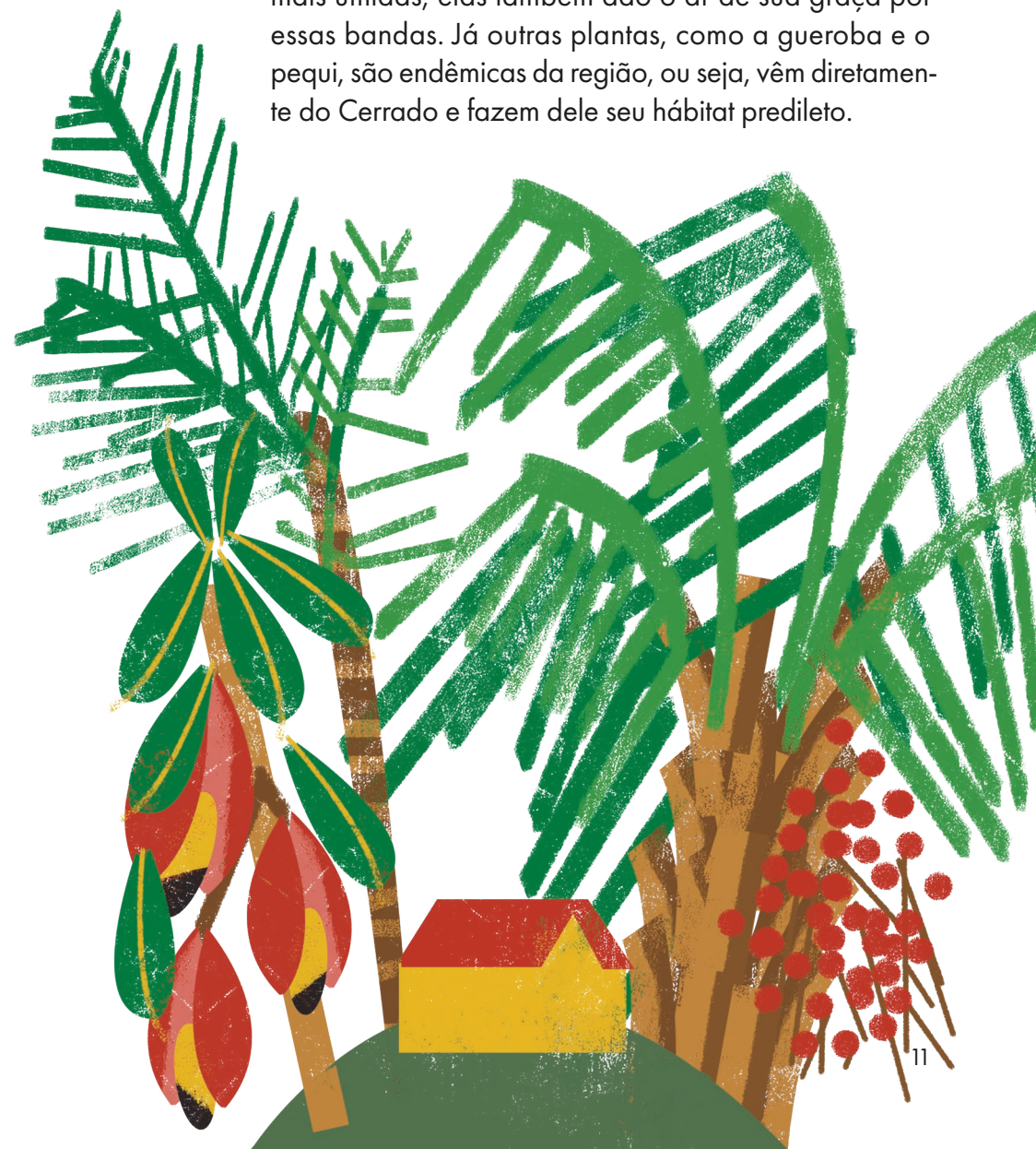


SEMPRE-VIVA,



BURITI...

Eita, que é planta diferente nessas terras gerais!
Ao contrário do que se pensa, o Cerrado é pura diversidade! Há plantas para os mais variados gostos, das mais perfumadas às mais saborosas, das mais belas às mais estranhas. Algumas se espriam a partir de outros biomas brasileiros, como o imbé, o butiá e a copaíba, que vêm da Mata Atlântica. Bem adaptadas às terras mais úmidas, elas também dão o ar de sua graça por essas bandas. Já outras plantas, como a gueroba e o pequi, são endêmicas da região, ou seja, vêm diretamente do Cerrado e fazem dele seu hábitat predileto.



PEQUI, O OURO DO CERRADO

**"O PEQUI DÁ LÁ NO ALTO
JÁ ME DISSE O CHAPADEIRO!
COLHIDO, VEM PRO ASFALTO
COM SEU GOSTO, COM SEU CHEIRO!
DE IR BUSCÁ-LO, NÃO FALTO
TODO MÊS DE FEVEREIRO!"**

Assim canta o cordelista Compadre Lemos.

Como todo apreciador do fruto, ele sabe que o bom pequi se encontra ao chão. Por isso, chegada a época da safra, nada de se apressar para colhê-lo no pé! Nos Gerais, quem conhece as manhas dos pequizeiros desperta com as galinhas e entra por entre a mata logo ao nascer do sol. Nessa caminhada, já se sabe que sendo "época de pequi, é cada um por si!".

Entre os quilombolas do Cerrado, conta-se que o pequizeiro era antes uma árvore de copa frondosa, com grandes folhas, mas sem frutos. Um dia, essa árvore recebeu a visita de uma jovem grávida que fugia de uma perseguição ao quilombo em que vivia. Exausta com a fuga, a moça encontrou abrigo à sua sombra, mas infelizmente não conseguiu sobreviver. Seu corpo permaneceu ali, sob o pequizeiro, fundindo-se a ele. Certo tempo depois, brotaram da árvore lindos cachos de flores amareladas, cada uma com cinco pétalas e centenas de delicados **FILAMENTOS** ao

Filamentos (ou filetes): parte da planta que suporta o órgão masculino das flores, o estame. É normalmente alongada, inserida no receptáculo floral, ou mesmo sobre as pétalas.


centro. Dela, também nasceram frutos esverdeados que, quando abertos, traziam em seu interior uma polpa macia e dourada, de odor e paladar raros.

Desde então, a cada ano, junto com a chegada das chuvas, o pequizeiro produz novos frutos que, de tão apreciados, passaram a ser chamados de "ouro do Cerrado".

Quando a noite cai e a escuridão toma conta da paisagem, é a hora de o pequizeiro atrair outros visitantes. Pacas, gralhas, emas, cotias, veados e até insetos se lançam sobre os frutos caídos ao solo. Nas copas das árvores, as flores abrem-se para distribuir um apetitoso **NÉCTAR** aos morcegos que, ao se fartarem,

levam consigo o pólen que irá fecundar outras flores, renovando a vida ao redor. Mas eles não são os únicos. Caminhando apressadamente sobre as folhas dos

Néctar: é um líquido doce e perfumado produzido pelas flores. Ele atrai animais que, em busca do perfume, ajudam na polinização das plantas!



pequizeiros estão as formigas. Enquanto se deliciam com o néctar extraído das flores, retribuem a generosidade das árvores, protegendo-as do ataque de outros insetos predadores, como as lagartas.

Por essas e outras, não surpreende que o pequi seja um fruto tão amado pelos cerradeiros! Além de ser fonte de nutrição para insetos e mamíferos, o pequi agrega pessoas ao seu redor, germinando histórias e despertando afetos. As comunidades quilombolas que o digam. Para além de suas deliciosas receitas à base de pequi, elas nos ensinam que todas as partes do fruto podem ser aproveitadas, da pele à castanha — exceto, é claro, seus infames espinhos!

**“A MULHER TEM QUE TER FORÇA,
SABER NA VIDA LUTAR.
PRA QUE NOSSO BABAÇU,
OUTRO NÃO VENHA AJUNTAR”¹**

TRECHO DE CANÇÃO DE TRABALHO D'AS ENCANTEDEIRAS

BABAÇU, A FRONDOSA ARREPIADA

É leite, é óleo, é sabão, é farinha, é carvão... Aquele coquinho marrom, que pende da palmeira vistosa, verdejante, é pura riqueza para a terra que habita. É o fruto do babaçu, o coco-babaçu, de grande valia para os animais e as gentes que vivem de sua coleta e consumo. Pois dele se extrai um mundo!

Sabedoras das riquezas da terra que tanto lhes dá, mulheres conhecidas como “quebradeiras” embrenham-se pelos bosques de babaçu com seus **JACÁS**

sobre as cabeças, em busca dos cocos ao chão. Enquanto isso, entoam cantos para embalar seu trabalho, da mata à comunidade.

Jacá: cesto trançado feito de palha ou cipó do babaçu, usado para transportar a colheita.

"A quebra do coco foi quem me criou. Diziam meus pais, também meus avós."²

Contam as mais velhas que, antigamente, todas tinham acesso às palmeiras que cresciam soltas pelos babaçuais. Com o passar dos anos, pessoas gananciosas foram chegando para cercar os terrenos em grandes fazendas de gado. Foi o tempo do "coco preso", dizem. Já não era mais possível praticar a coleta sem pagar a "meia", ou seja, sem deixar metade da produção com os "donos das terras".

Mas quem pensa que as quebradeiras se resignaram a essa sina se engana. Corajosas, elas resistiram aos grandes apropriadores de terra e se tornaram as protagonistas da Lei do Babaçu Livre.³ Essa lei lhes permite coexistir com os criadores de gado, assegurando que o acesso aos frutos da palmeira seja um direito a elas garantido!

Haste (de planta): parte de um vegetal a que estão presas as folhas, as flores, os frutos.


**"QUERO MOSTRAR CANTANDO,
O BRILHO DO JALAPÃO.
COMO O CAPIM DOURADO,
ENFEITANDO O VERDÃO"**

CANÇÃO CAMPO DO TURISTA, DE ARNON TAVARES, MAURÍCIO RIBEIRO,
JOSIVAN RIBEIRO DA SILVA E ANA MUMBUCA

SEMPRE-VIVA, O BRILHO DOS CAMPOS

Os habitantes dos Gerais são também grandes fazedores de beleza. São eles que transformam as delicadas **HASTES** que brotam das sempre-vivas em enfeites e objetos de fino acabamento.

Filhas dos campos úmidos, as sempre-vivas — também conhecidas como capim-dourado — nascem próximas às veredas e são colhidas entre setembro e outubro de cada ano. Delas, é extraída somente uma parte, pois as sementes devem permanecer no campo para dar origem às novas safras. Ao chegar às comunidades, os caules que foram colhidos são secos à sombra, para manter seu brilho natural. Afinal, há que



se cuidar bem do amarelo vibrante e atrativo que empresta o nome de capim-dourado à planta.

Do capim-dourado nascem, pelas mãos de artesãos e artesãs, cestos e vasos, brincos e pulseiras, chapéus e bolsas, todos produzidos pelo Cerrado de fora a fora. Conta-se que foi Dona Miúda, artesã do Quilombo de Mumbuca, no Parque Estadual do Jalapão (Tocantins), quem iniciou a versão moderna do artesanato. Esse saber é uma herança indígena transmitida ao seu povo há mais de cem anos. Tão grande é a importância do capim-dourado para o Mumbuca que aqueles que chegam para visitar são prontamente acolhidos com uma canção.

O instrumento de corda que embala a música dos mumbuquenses é a viola de buriti, também chamada violinha de vereda. Ele nos lembra que nem só da sempre-viva se faz arte no Cerrado! Há outra planta — farta às margens das veredas — que também se torna presente nesses fazeres. É o buriti, fruto do buritizeiro! Aliás, é o buritizeiro que fornece a palha transformada em fios (ou sedas) para a amarração das peças em capim-dourado.



NOMES QUE TUDO DIZEM

BABAÇU, BURITI, BARU... Essas plantas compartilham o idioma que as batiza. Seus nomes populares derivam do tupi falado no Brasil há duzentos anos, também chamado de língua-geral. Imagine só: se fôssemos versados em língua tupi, saberíamos as principais características das plantas do Cerrado sem sequer tê-las visto de pertinho! A palavra que nomeia o pequi, por exemplo, significa “pele espinhenta”. Isso porque o caroço do fruto está repleto de finíssimas farpas que podem machucar a língua dos desavisados. E esse fato não é um mero detalhe, pois, embora os indígenas do Cerrado pratiquem falares diferentes, somos, por meio dos nomes, sempre lembrados de quem foram os primeiros conhecedores dos saberes e perfumes dessas terras.

Babaçu: do tupi-guarani *ibá-guaçu*; “fruto grande”.

Baru: do tupi-guarani *mba’ru*; “planta que dá sementes de cheiro”.

Buriti: do tupi-guarani *mbur* = alimento; *iti* = árvore alta; “árvore alta de alimento ou de vida”.

"ME DEU SAUDADE DE ALGUM BURITIZAL, NA IDA DUMA VEREDA EM CAPIM TEM-TE QUE VERDE, TERMO DA CHAPADA. SAUDADES, DESSA QUE RESPONDEM AO VENTO; SAUDADE DOS GERAIS. O SENHOR VÊ: O REMOO DO VENTO NAS PALMAS DOS BURITIS TODOS, QUANDO É AMEAÇO DE TEMPESTADE. ALGUÉM ESQUECE ISSO? O VENTO É VERDE."

FALA DE RIOBALDO, EM **GRANDE SERTÃO: VEREDAS**, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

Grande sertão: veredas (1956): é uma das obras mais famosas do escritor mineiro João Guimarães Rosa. Nele, o personagem principal, Riobaldo, narra sua vida a um jovem doutor que chegou a suas terras.

BURITI, A ALTIVEZ DAS ÁGUAS

A majestade das palmeiras de buriti desenha-se no horizonte dos campos limpos cerradeiros. Quem anda por essas paragens sabe que quando se vê buritizal há, pertinho, um **BREJO**, um **IGARAPÉ** ou um riacho provendo água fresca e alimento para os animais e as comunidades veredeiras. São essas correntes que acolhem os grandes cachos de buritis vermelhos que desabam sobre as águas, do alto das palmas, disseminando suas sementes pelas **VEREDAS** afora. É por toda essa abundância e fertilidade que, em língua tupi, buriti significa a "árvore da vida".

Diz a lenda que o primeiro buritizeiro foi ofertado a uma aldeia indígena pelo deus Tupã. A semente dessa palmeira, quando plantada, daria origem à rainha das florestas que, no desabrochar, formaria uma farta coroa, ao longe avistada. Hoje, assim como desejou Tupã, os buritizais se fazem notar dessa maneira, marcando as águas e movendo-se ao sabor do vento.

Brejo: terreno alagadiço, encharcado; pântano.

Igarapé: pequeno canal natural de água de pouca profundidade entre duas ilhas, ou uma ilha e a terra firme. Navegável por pequenas embarcações.

Vereda: terreno alagadiço ou brejo, comum no Cerrado, normalmente localizado perto de um rio ou nascente e encoberto por uma vegetação rasteira.

Um dos personagens mais conhecidos da nossa literatura — o Riobaldo do *Grande sertão: veredas* — já dizia que essa visão das palmas verdejantes é a imagem que mais simboliza sua afeição pela terra.

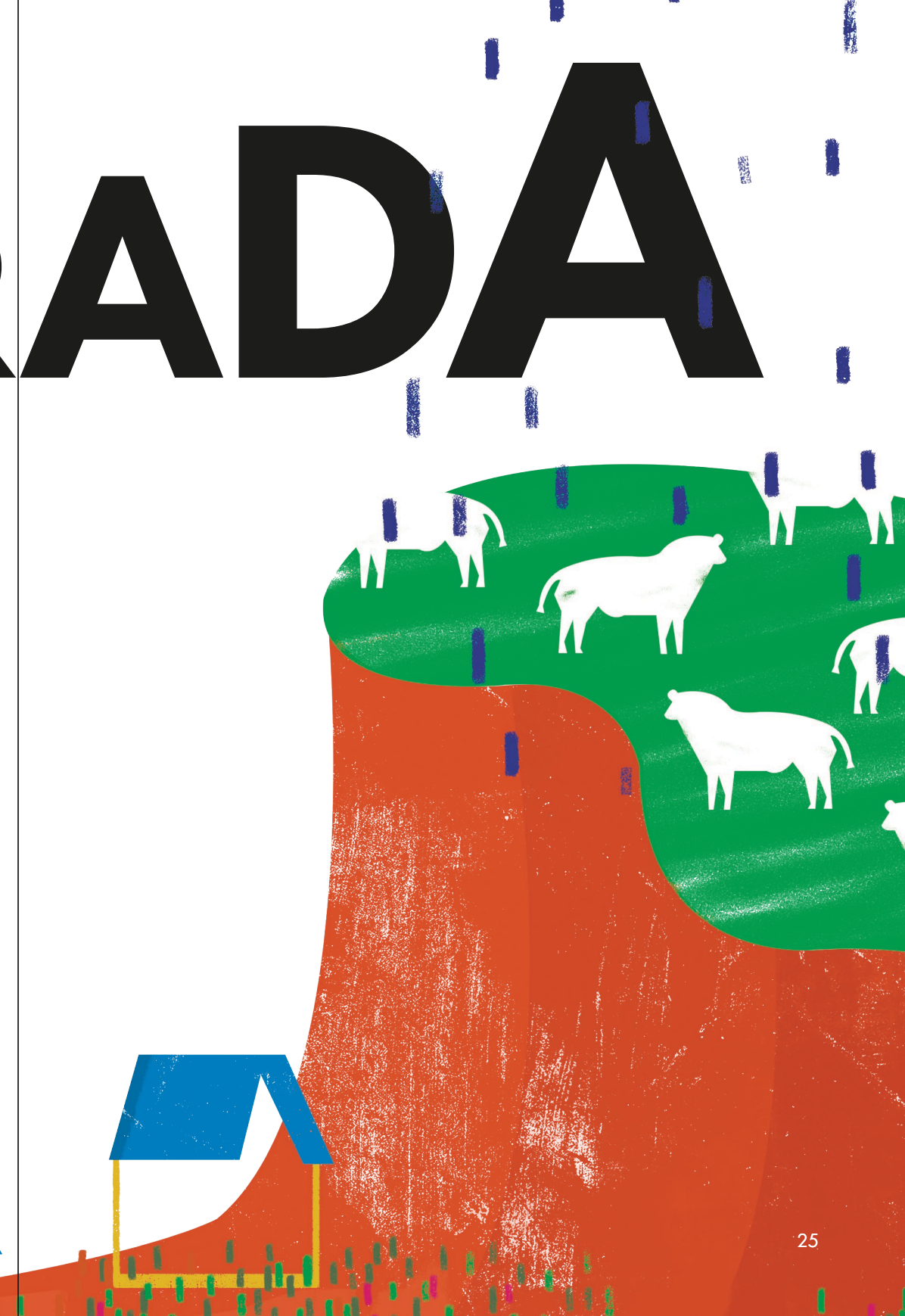


UMA GRANDE MORADA

São milhares de espécies que têm no Cerrado sua casa. São plantas, animais, microrganismos... e também muitos povos que, de jeitos diferentes, têm suas vidas tão misturadas ao Cerrado que percebem a si, aos animais e às plantas como parte de um só mundo. Seus saberes nascem da terra e com ela se modificam.

Houve um tempo em que os camponeses que pastoreavam o gado dos fazendeiros passaram a formar seus próprios rebanhos. Na época das chuvas, seus animais moviam-se pelas soltas, ao sabor da pastagem nativa. Enquanto isso, o pasto cultivado em suas pequenas propriedades descansava, crescia e se fortificava. Já nas secas, à medida que o fogo lambia os campos do Cerrado, chegava o momento de devolver os animais às roças. E assim, a cada ano, o ciclo se repetia.

Testemunhas desses movimentos contam que, para a gente entender de verdade o que eram os Gerais livres, é só imaginar o gado da Bahia encontrando o gado de Goiás, por cima das chapadas! Hoje, isso já não acontece mais. A alternância entre o pasto nativo e cultivado segue aqui e ali, porém, foi preciso “fechar” as áreas livres para se preservar as formas de vida desses povos, conhecidos como “fundos e fechos de



pastos". Para lá de criadores de animais, eles também cultivam pequenas lavouras de mandioca, milho, feijão e outros tantos produtos que são consumidos por suas famílias ou vendidos nas feiras e comunidades vizinhas.

Além dos fecheiros, veredeiros, quilombolas, quebradeiras e indígenas — povos que nos acompanharam ao longo desta leitura —, há também os vazanteiros — agricultores atentos aos ciclos dos rios —, os raizeiros — sábios conhecedores dos poderes das ervas — e, claro, os geraizeiros — habitantes dos campos ao norte de Minas Gerais.

São tantas as gentes que vivem desse vasto Cerrado! E não podemos esquecer que grande parte dos povos tradicionais está assentada nessa paisagem há centenas de anos. Para eles, a terra é como uma casa de mãe: generosa, acolhedora e cheia de fartura. Nessa casa, habita um coração onde — diz a sabedoria popular — sempre cabe mais um. E assim são os Gerais, o grande e vasto sertão comum que fornece água, alimento, medicina e acalanto. Aqui é lugar onde bicho encontra planta, planta encontra água, água encontra gente. E a gente encontra e se encontra por entre bichos, plantas, águas e histórias. Só assim, um junto do outro, sabendo cada um de sua importância, é que o Cerrado e todos os seus habitantes permanecerão seguros.

Essa relação tão única com a terra é fruto de saberes muito antigos, tecidos no cotidiano de uma convivência que, ao mesmo tempo em que extrai, também regenera. Extrativismo sustentável é o nome dado a esse tipo de interação, que poderíamos chamar aqui de um modo muito especial de convivência com a natureza. É retirar

os recursos da terra com prudência, renunciando àquilo de que ela precisa para se recuperar. É pressentir seus tempos, respeitando seus ciclos para colher pequenos milagres. É saber-se parte de uma cadeia de relações, onde cada um desempenha seu papel. É o pequi que sabe quando cair, o buriti que se deixa guiar pelo rumo dos ventos e das águas, a sempre-viva que reclama suas sementes para renascer, o babaçu que abre os caminhos das mulheres sabedoras de seus direitos, o pasto que se nutre das chuvas para, depois, se oferecer como alimento aos animais.

Que bonito é esse Cerrado visto de perto!



VAMOS CONVERSAR SOBRE OS GERAIS?

Conversas gerais é uma coleção para a gente poder se aprofundar ainda mais nesta grande casa onde moramos, o Cerrado! Ele é lugar de muito bicho, muita planta, muita terra, muita água e várias histórias! Para muita gente, há muito tempo, esse Cerrado é conhecido por “gerais”! Por isso, batizamos nossa coleção com esse nome. Os gerais são essa paisagem que nossos olhos nunca param de enxergar, pois sempre há algo mais na linha do horizonte de árvores e de chão. Nestes livros, procuramos conversar sobre a riqueza que habita essas terras; uma riqueza que está nas plantas e animais do bioma, em suas águas profundas e também nas histórias das pessoas que fazem dos gerais uma morada.

Conversas gerais é editado pela equipe do Instituto Inhotim, um museu e jardim botânico localizado lá em Brumadinho, uma cidade das Minas... Gerais. Por lá, pesquisa e educação caminham juntas para tornar o Cerrado um bioma mais conhecido e conservado. Conheça mais em: www.inhotim.org.br

NOTAS

- 1 As Encantadeiras (org.). *Canto e encanto nos babaçuais*. Quebradeiras de coco babaçu que cantam e encantam, 2014.
- 2 Canto de trabalho de autoria coletiva.
- 3 Ver <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cmads/arquivos/2007-08-09-comissao-aprova-lei-do-babacu-livre#:~:text=A%20nova%20lei%20pro%C3%ADbe%20a,p%C3%ABlica%20ou%20de%20interesse%20social>. Acesso em 28 de setembro de 2022.

COLEÇÃO CONVERSAS GERAIS

EDIÇÃO

Lorena Vicini e Wendell Silva

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Wendell Silva

ILUSTRAÇÃO

Arielle Martins

REDAÇÃO

Sabrina Moura

REVISÃO TÉCNICA

Paulo Silva

Vinícius Porfírio

PESQUISA

Luiza Verdolin

Paulo Silva

Sabrina Moura

Vinícius Porfírio

PREPARAÇÃO DO TEXTO

E REVISÃO

Regina Stocklen

PROJETO GRÁFICO

Mateus Valadares

PRODUÇÃO GRÁFICA

Joana Alves

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)

P713

Plantas do cerrado/[organizadores e editores:
Wendell Silva, Lorena Vicini]: ilustração: Arielle
Martins. – Brumadinho: Instituto Inhotim, 2022.
(Conversas Gerais)

32p.: il.; 15,5 cm × 23 cm

Obra publicada em formato impresso.

ISBN: 978-85-61614-30-0

1. Biomas. 2. Cerrados - população. 3. Ecologia.

4. Inhotim (Brumadinho, MG). I. Título. II. Silva,

Wendell. III. Vicini, Lorena, IV. Martins, Arielle.

V. Instituto Inhotim.

CDU: 574 - Ecologia

CDD: 577 - Ecologia

Ficha catalográfica elaborada por Josenberg
Mendes CRB: 2800

INSTITUTO INHOTIM

Brumadinho, Minas Gerais, Brasil

Dezembro de 2022

Fonte: Futura

Papel: pólen bold (miolo) e AP (capa)

Tiragem: 2.100

Gráfica: Rona Gráfica, em Belo Horizonte





Lei de Incentivo à
CULTURA

Patrocínio



Realização

INHOTIM

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



PÁTRIA AMADA
BRASIL
GOVERNO FEDERAL

ISBN 978-85-61614-30-0

